

## ANINHA, UMA AMIGA ESPECIAL: RESIGNIFICANDO A PALAVRA NEGRO ATRAVÉS DA LUDICIDADE.

Livânia Beltrão Tavares  
Universidade Estadual da Paraíba  
[li.vania@hotmail.com](mailto:li.vania@hotmail.com)

Ana Claudia Dias Ivazaki  
Universidade Estadual da Paraíba  
[anaivazaki@gmail.com.br](mailto:anaivazaki@gmail.com.br)

### Introdução

Os estudos da lei 10.639/2003, sobre a obrigatoriedade de ensinar aos alunos da Educação básica conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileiras, trouxeram-nos grandes desafios, entre eles o questionamento sobre a “complexidade” de abordar o tema já na Educação Infantil, em especial em berçários e maternais. Alguns acreditavam que apenas quando a criança entrasse no Ensino Fundamental, temática tão polêmica deveria ser abordada.

Aos poucos, procuramos fundamentação teórica que embasasse o trabalho que já vínhamos realizando a algum tempo de maneira intuitiva, levados pela sensibilidade de tratar a questão da diversidade racial em sala de aula. Já sabíamos que era através da ludicidade que conseguiríamos entrar no “universo infantil”, para assim transmitir a mensagem pretendida, de uma maneira que as crianças realmente compreendessem a diversidade e aceitassem como belo outros padrões de beleza, além do europeizado que nos é imposto. Como ajudar crianças tão pequenas a compreender o significado da palavra diversidade? Para Oliveira (2008, p.48)

É no significado que se encontra a unidade de duas funções básicas da linguagem: o intercâmbio social e o pensamento generalizante. São os significados que vão propiciar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo real, constituindo-se no “filtro” através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele.

Mas não era apenas a palavra diversidade que queríamos que fosse compreendida pelas crianças, mas principalmente a palavra **Negro**, no seu real

contexto histórico e social, sendo visto como belo e valoroso, o que não acontece rotineiramente no meio social em que vivemos, em que o negro quase sempre é associado ao que é feio e inferior.

A questão do branqueamento na nossa realidade sempre nos preocupou, uma vez que a maioria do povo brasileiro é negra ou parda, mesmo assim não é incomum que pessoas negras não se identifiquem como tais, na nossa unidade de Educação Infantil, a maioria dos pais não se declaram negros quando fazem a matrícula, não reconhecem a sua matriz africana.

As bonecas negras se transformaram em uma importante ferramenta para afirmação positiva da identidade negra na nossa creche, com elas conquistamos espaços no imaginário das crianças, colocando o negro como protagonista, belo, valoroso e querido por todos (crianças e professoras).

Se a nossa sociedade está impregnada pelo racismo, mesmo que muitos neguem, mas a grande maioria pratique, entendemos que a Educação Infantil é o melhor lugar para desfazer essa imagem negativa, historicamente construída no Brasil, um país que viveu quatro quintos de sua história sob o regime escravocrata.

Na creche esse preconceito também pode ser sentido e observado, na nossa prática temos presenciado situações em que alguns pais relutam em permitir que seus filhos participem de atividades que consideram de origem relacionada a religiões africanas, como desfiles temáticos (usando roupas de origem africana), afirmando que “aquilo era coisa de macumba e que a neta não deveria participar”. Com os brinquedos também houve algumas situações em que pais sugeriram que a unidade “comprasse bonecas mais bonitas” ou que “seus filhos não participassem da Capoeira” por acreditar que “isso não é coisa de Deus”.

A Lei 10639/2003 estabelece “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.” Se já havíamos constatado que o racismo se fazia presente em nossa comunidade escolar, por que esperar que o trabalho com a implementação da Lei 10.639/2003 aguardasse que as crianças

ingressassem no Ensino Fundamental, por achar que a temática era “complexa” demais para a idade? Para Vigotskii (2010, p. 111)

É uma comprovação empírica, frequentemente verificada e indiscutível, que a aprendizagem deve ser coerente com o nível de desenvolvimento da criança. Não é necessário, absolutamente, proceder a provas para demonstrar que só em determinada idade pode-se começar a ensinar gramática, que só em determinada idade o aluno é capaz de aprender álgebra.

Assim sendo, não acreditamos ser “cedo demais” abordar qualquer tema na Educação Infantil, desde que sua metodologia seja apropriada, de maneira que a criança consiga entender a mensagem, é importante não subestimar as crianças, mas sim criar um ambiente rico em vivências, que propicie a abordagem de temas atuais e desafiadores.

Pela sua importância, este processo de aprendizagem, que se produz antes que a criança entre na escola, difere de modo essencial do domínio de noções que se adquirem durante o ensino escolar. Todavia, quando a criança, com suas perguntas, consegue apoderar-se dos nomes dos objetos que a rodeiam, já está inserida numa etapa específica de aprendizagem. Aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato a primeira vez na vida escolar, portanto, mas estão ligadas entre si desde os primeiros dias de vida da criança (VIGOTSKII, 2010, p. 110).

## Metodologia

Nos brinquedos, livros e jogos de faz-de-conta, encontramos as ferramentas ideais para transmitir a mensagem que queríamos para os nossos alunos, com o projeto **Aninha, uma amiga especial**, vivenciado na sala, no ano de 20113, do Maternal-II<sup>1</sup> numa creche municipal da cidade de Campina Grande-PB, vivenciamos momentos que propiciaram o respeito à inclusão e aceitação do **Negro** como belo em nossa sala de aula.

Por meio da interação direta com as bonecas negras em sala de aula, as crianças construíram laços afetivos com a mesma, pois ela (a boneca) era a 26ª aluna da turma, participava de todas as atividades da sala, da rodinha, do banho, da alimentação, da troca. Aninha sempre foi muito disputada na turma,

---

<sup>1</sup>Nas creches municipais de Campina Grande, as turmas são denominadas por nomes e o maternal II, no qual a experiência relatada ocorreu, era constituída por 25 crianças na faixa etária de 3 a 4 anos de idade.

embora no início do ano ela às vezes ficasse de lado, aos poucos ia se “entrosando” com o grupo.

Aos poucos, sua presença era cada vez mais requisitada pelas crianças, num desses momentos uma das crianças perguntou “Tia, posso levar Aninha para casa?”, foi então que a boneca começou a fazer visitas semanais às crianças, através de um sorteio semanal, as visitas foram agendadas. Antes disso, conversamos com os pais sobre a disponibilidade de eles receberem essa visita aos finais de semana, todos a princípio concordaram sem ressalva, inclusive os pais de **meninos**.

De início, alguns pais de **meninos** não viram a experiência com bons olhos, por acreditarem que, de alguma maneira, isso poderia influenciar na orientação sexual de seu filho, no entanto, conversamos abertamente com pais e responsáveis e falamos sobre a importância de se explorar todos os brinquedos, sem levar em consideração o gênero.

“Todavia, mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração dos papéis sociais, os estereótipos podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas torna-se uma forma de se apropriar da identidade sexual. A observação e sensibilidade do professor são ingredientes fundamentais para identificar as diferentes situações e ter clareza quanto aos encaminhamentos a serem dados. (RCNEI, vol. 2, p. 42)”

Contribuir para que a criança vivencie um ambiente rico, procurando fugir de estereótipos, é uma parte importante do trabalho do professor, uma vez que nossa sociedade está fortemente marcada com esse tabu. Em relação a brinquedos e cores, isso não é diferente, é possível observar que antes da criança nascer já existe certo “determinismo” em relação às cores a serem usadas e aos brinquedos a serem comprados.

Junto com “Aninha”, foi enviada uma ficha de acompanhamento, onde os pais deveriam relatar como foi a experiência.

## Resultados e Discussão

A mãe de P.H. (sexo masculino, 4 anos): - “P.H. brincou com ela, foi assistir as Chiquititas e depois deitou na cama com a boneca e foi dormir”.

A mãe e A.J. (sexo feminino, 4 anos): “- A.J. – O que vi foi que ela teve muito cuidado com ela, não tirava ela da cama e sempre dormia ao lado dela, pois ela passou 1 semana com a boneca.”

M.K. (menina, 4 anos)”- M.K.- Cuidou muito bem de Aninha, colocou pra dormir, colocou fralda, roupa, passou hidratante, perfume, dormia com ela e não deixava L.C. pegar em aninha para não machucar.”

Aos poucos, também observamos que os pais começaram a se interessar em comprar bonecas negras para as crianças, nos perguntando onde podiam adquiri-las, uma vez que estavam encontrando dificuldade em encontrá-las.

### Conclusão

Acreditamos que, aos poucos, conseguimos com as bonecas negras trabalhar de forma lúdica a identidade negra de forma positiva, pois se antes a boneca era chamada de “feia” pelos pais, ao longo do ano ela foi conquistando a todos, e passou a integrar a nossa turma, conquistando a todos, inclusive aos funcionários, pois ela já era identificada pelo nome e não era mais chamada de boneca.

### Referências

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 2v.: il.

OLIVEIRA.Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico / São Paulo: Scipicione, 1997.

VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N.; Tradução de Maria da Penha Villalobos. – 11ª edição – São Paulo: Ícone, 2010.